O MENIR DO PATALOU – NISA ENTRE CONTEXTOS E CRONOLOGIAS

JORGE DE OLIVEIRA[1]

RESUMO

Neste texto de homenagem ao Prof. Victor S. Gonçalves queremos apresentar os mais recentes resultados cronométricos e respectivos contextos dos principais menhires do norte do Alentejo. A data agora obtida para o Menhir do Patalou (Cal BC 4340 a 4235) vem confirmar a que há mais de duas décadas, em semelhante contexto, obtivemos no Menhir da Meada (Cal BC 4810 a 5010) e que tantas dúvidas e polémicas levantou face à sua grande antiguidade. Posicionam-se, desta forma e com toda a segurança, no Neolítico antigo a erecção destes grandes monumentos assumidamente fálicos.

ABSTRACT

Neste texto de homenagem ao Prof. Victor S. Gonçalves queremos apresentar os mais recentes resultados cronométricos e respectivos contextos dos principais menhires do norte do Alentejo. A data agora obtida para o Menhir do Patalou (Cal BC 4340 a 4235) vem confirmar a que há mais de duas décadas, em semelhante contexto, obtivemos no Menhir da Meada (Cal BC 4810 a 5010) e que tantas dúvidas e polémicas levantou face à sua grande antiguidade. Posicionam-se, desta forma e com toda a segurança, no Neolítico antigo a erecção destes grandes monumentos assumidamente fálicos.

1 CHAIA / Universidade de Évora

PARECE QUE FOI ONTEM, mas já lá vão 40 anos, sim 40 anos, quando aluno do 1.º ano do Curso de História da FLL o Prof. Victor Gonçalves se interessou por umas fotografias que eu orgulhosamente mostrava aos meus colegas de turma. Eram fotografias das minhas ingénuas mas muito curiosas investigações que desde criança desenvolvia por terras de Marvão. Poucos meses depois já orgulhosamente mostrava ao meu Mestre e Amigo Victor Gonçalves as *Lapas de Vidais* e aí programávamos campanhas de escavações. O que hoje sou enquanto arqueólogo, professor e sobretudo como pessoa muito devo aos ensinamentos do Prof. Victor Gonçalves e à sempre inquestionável amizade que nos uniu. Agora que por via da jubilação fica mais liberto das aulas e sobretudo das burocracias académicas todos aguardamos, com ansiedade, mais magníficos textos como só ele sabe escrever e investigações de campo que sempre nos surpreendem. Logo que me convidaram a colaborar neste livro de homenagem que agora se publica não hesitei em aqui fazer publicar os mais recentes e muito interessantes resultados obtidos na escavação do Menir do Patalou.

Obrigado Prof. Victor Gonçalves, sobretudo por ser meu Amigo.

OS CONTEXTOS

Foi há 15 anos, portanto no ano 2000, que, conjuntamente com Clara Oliveira, publicámos na *Extremadura Arqueológica*, em volume de homenagem a Elias Diéguez, uma síntese e inventário geral dos menires do Distrito de Portalegre. Algum tempo depois, e na sequência de novas informações, revimos e acrescentámos o anterior texto e publicámo-lo na Revista Ibn Maruán n.º 9/10. Mal sabíamos nós que tal texto nos iria trazer tantos problemas por parte de jovens arqueólogos desejosos de protagonismos…. Passados estes quinze anos sentimos necessidade de fazer nova síntese porque novas e importantes informações, sobretudo no que às cronologias dos menires dizem respeito, ficaram entretanto disponíveis.

Se para o megalitismo funerário da região de Portalegre possuímos avultada informação e desde época bastante recuada, já no que à componente menírica diz respeito apenas a partir de meados do século XX começamos a ter notícias destes sempre enigmáticos monumentos.

As mais antigas notícias que conhecemos sobre monumentos funerários megalíticos desta região remontarão, com algumas dúvidas, a meados do século XII, durante o reinado de D. Sancho I, como mais à frente referiremos mas, pelo menos, temos a certeza que nos finais do século XVII já algumas antas foram referidas nesta região. Um manuscrito, hoje desaparecido, que compulsámos no antigo Arquivo da Misericórdia de Marvão, datado de 1693, registava a doação do Curral da Atalaia à Misericórdia desta vila. Na demarcação dos limites desta propriedade referia-se uma anta à qual se uniam duas paredes. (Oliveira, 1997) Do mesmo século, atendendo à caligrafia e tipo de papel, porque nem está datado nem assinado, será o documento (B.P.E. Cód.CIX/1-16, n.º 67) guardado na Biblioteca Pública de Évora, vulgarmente conhecido por *Antiguidades de Alter do Chão*, onde se refere uma anta na Coutada do Arneiro e outra no Reguengo, hoje incluídas na propriedade da Coudelaria de Alter (Oliveira, 2006). Ainda que a região de Portalegre tivesse sido objeto da atenção, desde os finais do século XIX, por diversos e ilustres arqueólogos que ao megalitismo se dedicaram, foi necessário chegar a 1965 para encontrarmos a primeira referência a menires e pela pena dum investigador que até nem se assumia, propriamente, como arqueólogo.

Martins Barata, em 1965, noticia pela primeira vez o Menir da Meada, situado no concelho de Castelo de Vide. Dois anos depois, Mário de Saa (Saa, 1967: 184-187) refere-se, pela primeira vez ao menir do Carvalhal, situado, igualmente, no concelho de Castelo de Vide. Trata-se das primeiras referências a menires nesta região da Península. Enquanto Martins Barata se limita a descrever o monumento da Meada, Mário de Saa compreende-os como monumentos pré-históricos utilizados pelos

Cavaleiros da Ordem do Templo como marcos de delimitação das suas terras. Mário de Saa, baseando-se no documento de *Doação da Azafa* que o Rei D.Sancho I fez à Ordem do Templo, publicado por Fr. Bernardo da Costa na Historia da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, em 1771, tenta delimitar as terras da *Azafa* chegando à conclusão que a grande construção romana da Torre do Azinhal, hoje praticamente destruída, que se situa no actual concelho de Marvão, o Menir da Meada e o do Carvalhal teriam servido de demarcação das terras doadas aos Cavaleiros do Templo. No documento apresentado por Fr. Bernardo da Costa, que descreve o território da *Azafa*, *lê-se* ainda «Partitur nanque cum Agitania a Tago usque ad flumen de Ponsul, deinde ad capud Mercores. Quomodo vavid ad capud Cardosa. Partitur enim ultra Tagum per focem da Frieirosoo, quomodo intrat in Tagum, deinde ad rostrum de Mrliça, et vavit ad Maontaret [...]».(Costa, 1777:226). Se considerarmos a interpretação que Mário de Saa faz deste documento, poderemos, provavelmente, encontrar nele a mais antiga referência a uma sepultura megalítica nesta região. O atrás referido «rostrum de Mrliça» poderia ser a anta da Melriça situada no concelho de Castelo de Vide, monumento que por se destacar na paisagem poderia ser considerado como «rostrum».

É, assim, já nos finais da década de sessenta que se noticiam, pela primeira vez, menires no Distrito de Portalegre. Embora nesta região a referências a menires só ocorra desde 1965, em Portugal data de 1864 a primeira clara descrição deste tipo de monumentos. Deve-se a Simão Rodrigues Ferreira a identificação do Marco de Luzim, no concelho de Penafiel, o primeiro menir a ser referenciado em Portugal. Pereira da Costa em 1868, regista um menir no Monte da Pedreira no concelho de Fafe, descrevendo, igualmente outros no distrito de Castelo Branco. Sá Vilela, em 1876 informa de presença de vários menires junto a Castelo de Paiva. Mas será sobretudo com Estácio da Veiga, em 1886, ao publicar as notáveis *Antiguidades Monumentais do Algarve* que a palavra menir, ou menhir mais se divulga. Contudo, um longo período de quase total esquecimento sobre este tipo de monumentos vai passar. Basta-nos recordar que só em 1970, pela pena do médico José Pires Gonçalves, se noticiam os menires da região de Monsaraz, uma das zonas mais ricas em monumentos megalíticos de toda a Península Ibérica e onde se regista a maior concentração de menires, isolados, ou em grupo. Contudo, comparativamente com o conhecimento das sepulturas megalíticas os menires mantiveram-se e, de alguma forma ainda se conservam, pouco divulgados e estudados. Múltiplas razões poderão explicar a não referência e sobretudo o desinteresse por este tipo de monumento megalítico. De entre outras sobressaem as relacionadas com as práticas religiosas judaico-cristãs que proíbem qualquer culto às pedras. Já no Antigo Testamento encontramos referências a estas prescrições e estão sobejamente documentados os actos de destruição de monumentos megalíticos, sobretudo menires durante a Idade Média, no Norte de França, por ordem de bispos e clérigos. Por outro lado, as tradicionais descrições de descoberta de lendários tesouros em sepulturas megalíticas, não se aplicariam, naturalmente aos menires, porque quem quer que o tentasse nada encontraria, ao contrário do que acontece com os dólmenes, onde sempre uma ponta de seta, ou um machado, por norma, qualquer caça tesouros encontra, levando ao desinteresse popular por aquele tipo de monumentos. Acresce a estas razões a pouca estabilidade e resistência que estes monumentos oferecem aos elementos naturais e sobretudo a abalos sísmicos, contribuindo para que, especialmente os de maiores dimensões e por isso os que mais facilmente poderiam despertar maior interesse se encontrem, por norma, tombados ou partidos e nalguns casos parcialmente soterrados. Mas a fratura ou a simples deposição da maior parte dos menires, sobretudo os de maiores dimensões, parece ter ocorrido ainda nos finais da Idade da Pedra, ou inícios da Idade dos Metais. A presença das enigmáticas covinhas na maior parte dos menires tombados, exclusivamente na face exposta, parece deixar entender que a sua gravação, terá ocorrido ainda na Pré-História. Assim sendo, poderemos considerar como provável que a perda de identidade e significado cultural dos menires terá ocorrido intencionalmente entre os finais do Neolítico e a Idade do Bronze, com especial relevância durante o Calcolítico.

Desde a nossa última síntese sobre os *Menires do Distrito de Portalegre* publicado em artigo na revista Ibn Maruán n.º 9/10 (Oliveira & Oliveira, 1999/2000), foram identificados no concelho de Nisa, no âmbito de estudo de impacte, por Mário Monteiro, Francisco Henriques e Mário Chambino, o Menir da Fonte do Cão, monólito granítico, isolado e tombado, com 2,40 m de comprimento e 0,70m de diâmetro máximo e o grupo de menires da Laje da Prata. O conjunto de menires da Laje da Prata, obtidos em granito é formado por três monólitos, um dos quais ainda em posição vertical. Dois foram removidos da sua posição original, sendo que um se encontra incorporado numa parede e o outro tombado a curta distância dos anteriores. Com dimensões que variam entre os 2,30 m e os 1,10m poderão ter pertencido a um pequeno recinto hoje totalmente destruído. Em 2000, Joaquim Carvalho noticia o menir do Castelo Velho (Carvalho, 2000) no concelho de Castelo de Vide, tombado próximo do povoado calcolítico com o mesmo nome, dado a conhecer por Conceição Rodrigues em 1975. Trata-se dum bloco de grauvaque com 1,60m de comprimento, por 0,59m de largura e 0,32m de espessura. Segundo o seu descobridor, este menir apresenta na face mais regularizada 9 covinhas. Esta peça, que nos parece remeter mais para o universo das estelas, encontrava-se tombado a servir de apoio a uma aramada, limitadora do caminho que conduz ao Rio Sever. Quando procedíamos a trabalhos de prospecção nas imediações de Póvoa e Meadas, no concelho de Castelo de Vide para relocalização da antiga forca daquela povoação, identificámos na berma do velho caminho que conduzia à forca, junto à fonte de baixo, um monólito meniriforme, de granito, com cerca de 1 metro acima do solo, encontra-se colocado verticalmente para estranhamente estrangular a passagem a carros de maior envergadura por aquele caminho intentem passar. Este monólito articula-se com outro, situado do lado oposto do caminho, sendo que este não apresenta qualquer trabalho que o possa relacionar com um menir. (Oliveira & Tomás, 2007, 139)

Recentemente fomos informados pelo nosso Amigo, Dr. João Ramalho Ribeiro, para existência dum bloco de granito com cerca de 1,84 m de altura acima do solo, implantado verticalmente, de secção arredonda com cerca de 0,55 m de diâmetro máximo, situado no Milhar da Santa, no concelho de Portalegre. Pela sua forma e implantação parece tratar-se de mais um menir.

Entre 1999 e 2004 desenvolvemos vários estudos arqueológicos na Coudelaria de Alter cujos resultados foram objecto de variadíssimas publicações sectoriais e duma síntese (Oliveira, 2006). No decurso desses trabalhos procedemos à escavação e valorização da Anta da Soalheira. Tratava-se dum monumento muito destruído e com evidentes sinais de reutilização durante o domínio romana. Embora o corredor se mantivesse minimamente conservado já a câmara estava profundamente destruída com esteios partidos e arrancados. Para além da destruição em que se encontrava o monumento desde há muitos anos, mais recentemente, durante os trabalhos de abertura duma nova pista de cavalos todos os grandes blocos de granito que foi necessário remover para a regularização da pista foram colocados sobre a já muito destruída câmara funerária. Durante os nossos trabalhos de reabilitação da anta deparámo-nos com dois blocos de granito, que davam colagem, de secção circular, e que unidos deixavam antever o que poderia ser um menir. Assim, estávamos em presença da parte central e da extremidade distal do que teria sido um grande menir a que faltava a parte inferior. Depois de coladas as duas porções o seu comprimento ultrapassa os dois metros e possui um diâmetro máximo de 90 centímetros. Este menir, apresenta uma forma explicitamente fálica denotando-se claramente a glande pénica. Desconhecemos o local onde estaria erguido, porque se encontrava fracturado e tombado por entre a amálgama de blocos graníticos na zona da câmara. Com grande probabilidade deve ter feito parte da estrutura funerária, provavelmente reutilizado como algum esteio da câmara. Desconhecendo-se o local da sua última função optámos por o colar e reerguer aproveitando um suave abatimento que se notava na área da mamoa, a três metros para norte do corredor do monumento. Ainda no interior desta anta, na zona de transição entre a câmara e o corredor registámos na face sul, um monólito de secção circular com cerca de

1 metro de altura e 40 cm de diâmetro, implantado verticalmente, que apresentava a extremidade superior algo fracturada. Afrontava este pequeno menir, do outro lado do corredor, uma laje de xisto com um comprimento a rondar os 90 cm de comprimento. Assim, parece que na construção da anta da Soalheira foram utilizados pelo menos dois menires, um de grandes dimensões e outro substancialmente mais pequeno. Mas na área agrícola da Coudelaria de Alter registámos mais duas antas que incorporam, cada uma delas, um menir reutilizado como esteio da câmara funerária. Na anta da Várzea Grande, por nós escavada, registamos a presença dum menir em granito com 2,35 metros de altura e um diâmetro máximo de 70 centímetros reutilizado como esteio da câmara. Localiza-se em posição destacada directamente a norte do esteio de cabeceira. Grosseiramente talhado não apresenta qualquer gravação. Na Necrópole Megalítica de Vale de Carreiras, no interior da mesma propriedade da Coudelaria de Alter, temos que igualmente registar outra anta, a de Vale de Carreiras II, que também possui um menir reutilizado como esteio da câmara funerária. Neste monumento não procedemos a qualquer intervenção para além da limpeza da vegetação que a envolvia.

No decurso do projecto de estudo da arte rupestre do concelho de Arronches, Projecto ARA, identificámos em 2012 o Menir de Santo Ildefonso, junto à estrada que liga a sede concelho à povoação da Esperança. A escassos 2 km de Arronches, a menos de 10 metros à esquerda da estrada, numa linha de cumeada, incorporado numa muito antiga linha de divisão de propriedade, hoje aramada, destaca-se um monólito de secção cilíndrica, com cerca de 60 cm de diâmetro máximo, implantado verticalmente no solo do qual aflora pouco mais do que 90 cm. Apresenta toda a superfície cuidadosamente regularizada e evidenciando especial acabamento a extremidade superior tendencialmente cónica. No prolongamento da linha de divisão de propriedade onde se integra este menir, ou a porção superior dele, observam-se outros blocos de granito de diferentes dimensões que poderão ter pertencido à parte inferior deste menir ou a outros que eventualmente aqui tivessem coexistido.



FIG. 1. Menires do Distrito de Portalegre

Acrescentamos, assim, ao inventário dos menires que publicámos em 2000 mais um provável recinto, o da Laje da Prata (Nisa), cinco menires isolados, o da Fonte do Cão (Nisa), o do Caminho da Forca (Castelo de Vide), o do Castelo Velho (Castelo de Vide), o do Milhar da Santa (Portalegre) e o de Santo Ildefonso (Arronches) e os menires incorporados em antas situados no interior da Coudelaria de Alter, a saber, dois na Anta da Soalheira, um na Anta de Vale de Carreiras 2 e outro na Anta Várzea Grande. Actualmente, conhecem-se no distrito de Portalegre quinze menires isolados, cinco incluídos em antas, quatro grupos de menires e dois afloramentos meníricos.

MENIRES DO DISTRITO DE PORTALEGRE

N.º	MENIR	TIPO	CONCELHO	ESTADO
1	Pombais	afloramento	Marvão	*in situ*
2	Água da Cuba	isolado	Marvão	*in situ*
3	Corregedor	isolado	Marvão	deslocado
4	Carvalhal	isolado	Castelo de Vide	*in situ*
5	Meada	isolado	Castelo de Vide	*in situ*
6	Patalou	isolado	Nisa	*in situ*
7	Saragonheiros	incluído em anta	Nisa	deslocado (?)
8	Maria Dias	isolado	Nisa	*in situ*, fracturado
9	Fonte do Cão	isolado	Nisa	*in situ* (?)
10	Vale do Sobral	grupo	Nisa	*in sito* (?)
11	Laje da Prata	grupo	Nisa	*in situ* (?)
12	Castelo Velho	isolado (?)	Castelo de Vide	deslocado (?)
13	Caminho da Forca	isolado	Castelo de Vide	deslocado
14	Casa Nova	isolado	Crato	*in situ* (?)
15	Milhar da Santa	isolado	Portalegre	*in situ*
16	1 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
17	2 da Soalheira	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
18	Vale de Carreira II	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
19	Várzea Grande	incluído em anta	Alter do Chão	deslocado
20	Sete	afloramento	Monforte	*in situ*
21	Carriha	isolado	Monforte	deslocado (?)
22	Monte do Reguengo	isolado	Arronches	deslocado
23	Santo Ildefonso	isolado	Arronches	*in situ* (?)
24	Bocada da Praça	isolado	Campo Maior	deslocado
25	Torrão	grupo	Elvas	*in situ* (?)
26	Alminho	grupo	Ponte de Sor	*in situ* (?)

O MENIR DO PATALOU

Actualizado que está o inventário dos menires conhecidos no Distrito de Portalegre queremos neste breve texto dar notícia dos trabalhos desenvolvidos, no Verão de 2015, no Menir do Patalou, localizado no concelho de Nisa. Este menir localiza-se a cerca de 5,5 km de Nisa à direita da estrada que conduz à Barragem da Póvoa. Dista da estrada, em linha recta, cerca de 200 metros

Os trabalhos que neste menir promovemos inscrevem-se no Projecto MEGANISA, apoiado pela autarquia de Nisa e devidamente aprovado pela entidade da tutela e autorizados pelo seu proprietário, Dr. José Pedro Pestana Almeida, a quem manifestamos os nossos agradecimentos. O menir do Patalou é um monólito de granito com 4 m de comprimento e 0,90 m de diâmetro máximo e um peso a rondar as 7 toneladas. Foi identificado nos finais da década de 90 do século XX por João Francisco Lopes quando caçava na Tapada da Bajanca, denominação da parcela onde se localiza o menir. Logo que identificado fomos abordados pelo seu descobridor para que confirmássemos a natureza e interesse da sua descoberta. Pela forma em que encontrava tombado, em que a base se afundava no solo mais do que a extremidade superior e pela sua posição relativa ao espaço envolvente, numa muito suave encosta virada nascente, tudo indicava que a base pouco se deveria ter deslocado do local de implantação original. Desde a primeira visita ao monumento, combinámos com o seu descobridor que o haveríamos de reerguer. Depois de dum périplo de mais de 15 anos sem conseguirmos obter os apoios necessários ao seu estudo e sem as condições necessárias para a sua erecção, fomos convidados, no ano de 2014, pela autarquia de Nisa, sob a presidência da Sr.ª Dr.ª Idalina Trindade, para prepararmos um projecto de estudo e valorização de um conjunto de monumentos megalíticos daquele concelho a incluir num roteiro turístico. Nesse grupo de monumentos incluem-se dois menires sendo que um deles é o que agora tratamos, o do Patalou.

Os trabalhos iniciaram-se com a limpeza geral do terreno envolvente ao menir a que se seguiu uma prospecção geofísica, por geo-radar, numa área de cerca de 200 metros quadrados para determinação do alvéolo original e de outras eventuais anomalias no subsolo que indiciassem acções antró-

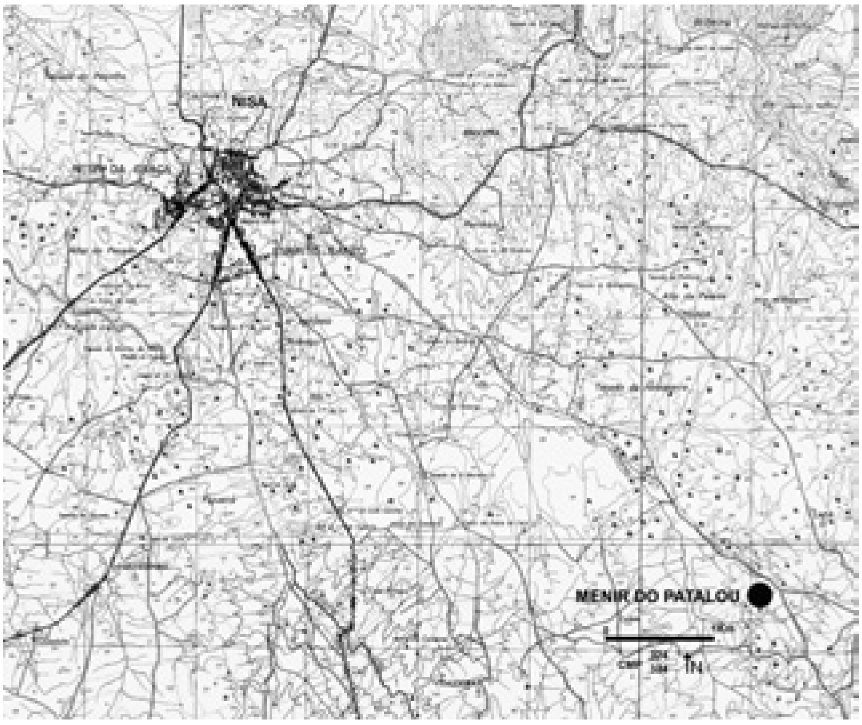


FIG. 2. Localização do Menir do Patalou sobre CMP n.º 324 /334.

picas. Os trabalhos de prospecção geofísica foram dirigidos pelos professores Bento Caldeira e José Fernando Borges da Universidade de Évora, decorrente de colaboração com o Laboratório Hércules. As imagens do rastreio permitiram de imediato identificar um significativo abatimento junto à extremidade inferior do menir que se prolongava para baixo dele. Parecia, assim, confirmar-se o que quinze anos antes tínhamos previsto, isto é, o menir tinha a parte inferior sobre o alvéolo original.

Após os trabalhos de prospecção geofísica e cotada e quadriculada de 2 × 2 metros toda área envolvente do menir iniciámos a escavação junto à sua base. Para os trabalhos de escavação contámos com a preciosa ajuda de estudantes da Universidade de Évora e Alcalá de Henares, a saber: Alexandra Anselmo, Arlindo Garnacha, Catarina Oliveira, Filomena Torres, Frederico Vieira, Irene Salinero, Pedro Parreira e Ruben Barbosa e Rui Pencas, a quem agradecemos. Os trabalhos de escavação destinavam-se a identificar o alvéolo original, a recolher eventuais testemunhos que nos possibilitassem datar e compreender o contexto cultural desde monumento. Tínhamos, também clara consciência que não queríamos esgotar toda a informação disponível e paralelamente pretendíamos não afectar totalmente o jovem sobreiro que junto ao menir cresce. Assim, organizámos a rede de quadrículas a partir de dois eixos ortogonais orientados respectivamente a norte-sul e este-oeste magnéticos em que o ponto de intersecção permitia que a extremidade inferior do monumento ficasse incluída numa das quadrículas de 2 × 2 metros de lado. Desta forma criámos uma área de reserva científica o mais próximo possível do local onde se levantava originalmente o menir e ao mesmo tempo preservava-se a integridade da maior parte da sistema radicular da sobreira. Escavámos, assim, três quadrados de 2 × 2 metros de lado, a saber M15, no qual se localiza a área principal do alvéolo, N15 e N14. O quadrado M14 manteve-se como reserva científica. O menir estava tombado a 110º em relação ao Norte magnético, mantendo a base, tal como se veio posteriormente a verificar sobre o alvéolo original.

A escavação desenvolveu-se inicialmente apenas nos quadrados M15 e N15, por forma a manter o menir no seu local até se identificar a fossa de implantação. Pela prospecção geo-física já se suspeitava que não se iriam registar blocos de pedra no interior do alvéolo, o que se veio a confirmar no decurso da escavação. Identificaram-se três unidades estratigráficas que correspondem a uma inicial com uma potência média de 16 cm, formada por terra castanha com abundantes raízes e bastante solta. Seguiu-se a segunda unidade, regularmente mais fina, constituída por terra mais compacta, com uma potência média de 12 cm. Nesta unidade identificámos alguns fragmentos de cerâmica, muito rolados, assumidamente pré-histórica, mas devido à sua pequena dimensão foi impossível definir a sua forma. Por fim, entrámos na terceira e última unidade estratigráfica, formada por terra muito compacta e clara, de calibre muito fino, com aspecto argiloso, que preenchia totalmente a fossa de implantação do menir. Esta unidade apresentava uma potência muito irregular acompanhando a modelação que o substrato rochoso apresentava devido à sua escavação para implantação do menir. Assim, na zona mais profunda do alvéolo esta unidade atingiu os 70 cm esbatendo-se para a periferia. Nesta unidade, praticamente sob na face sul do menir, e a 55 cm de profundidade, identificámos um bloco de corneana, com 32 cm de comprimento, por 14 cm de largura e 10 cm de espessura máximos, rudemente talhado para conformar um gume onde se observam evidentes sinais de desgaste. Esta peça parece ter servido para abrir o alvéolo do menir e posteriormente abandonada no local. Situação idêntica já tínhamos detectado durante a escavação do menir da Água da Cuba, em Marvão, onde se identificou um bloco de corneana em situação idêntica e com características semelhantes, embora mais pequeno, proporcional à dimensão do alvéolo e respectivo menir. Para se poder continuar a definir totalmente o alvéolo houve necessidade de se retirar o menir do local onde se encontrava, o que foi efectuado recorrendo-se a uma máquina cedida pela autarquia. Libertada a área de escavação e no interior do alvéolo, praticamente na sua base, identificou-se uma pequena lamela em sílex apontada, de bordos não retocado e mais dois peque-

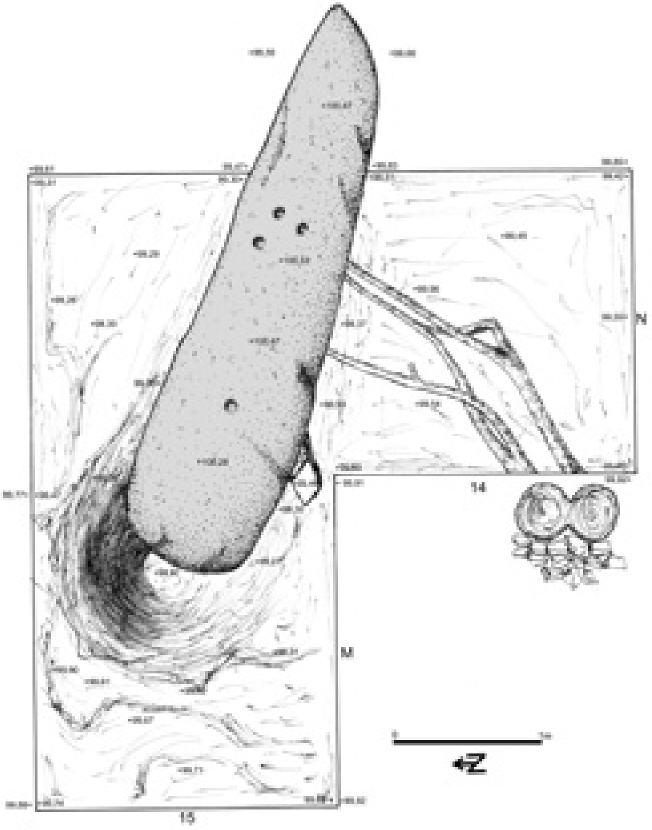


FIG. 3. Menir do Patalou – planta da área escavada.

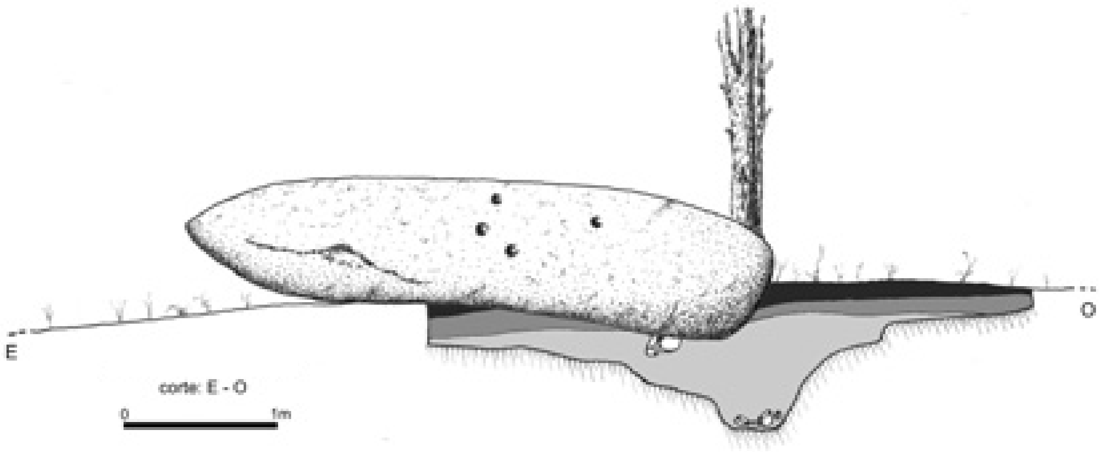


FIG. 4. Menir do Patalou – Corte E-O.

nos raspadores, igualmente em sílex. Na zona mais profunda do alvéolo, a 82 cm de profundidade, em M15, envolvida por uma espessa concentração de argila recolheu-se uma pequena porção de madeira carbonizada que foi submetida a datação por radiocarbono vindo a fornecer a seguinte data: Beta-416341: 5420 ± 30BP, que calibrada resulta em Cal BC 4340 a 4235 (Cal BP 6290 a 6185).

Definido o alvéolo no interior da área de escavação, observou-se uma fossa muito irregular mas tendencialmente oval no sentido nascente poente, aberta no substrato granítico, algo alterado, com uma profundidade máxima em relação ao nível da superfície actual de 95 cm e um diâmetro

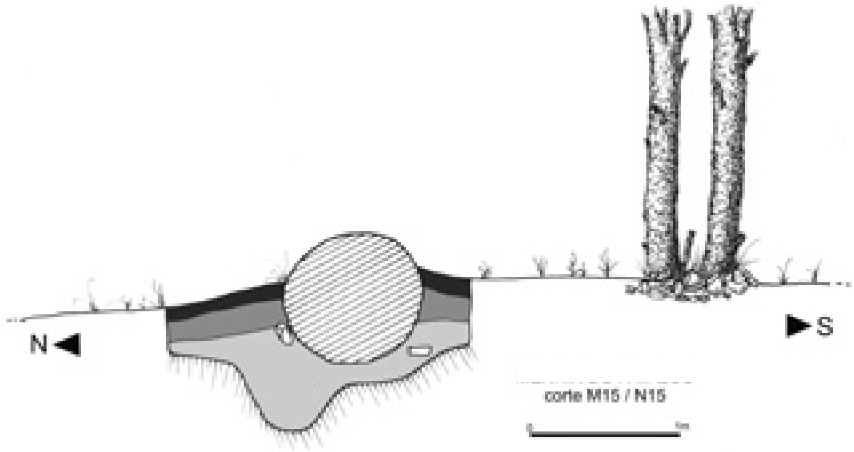


FIG. 5. Menir do Patalou – Corte N-S.

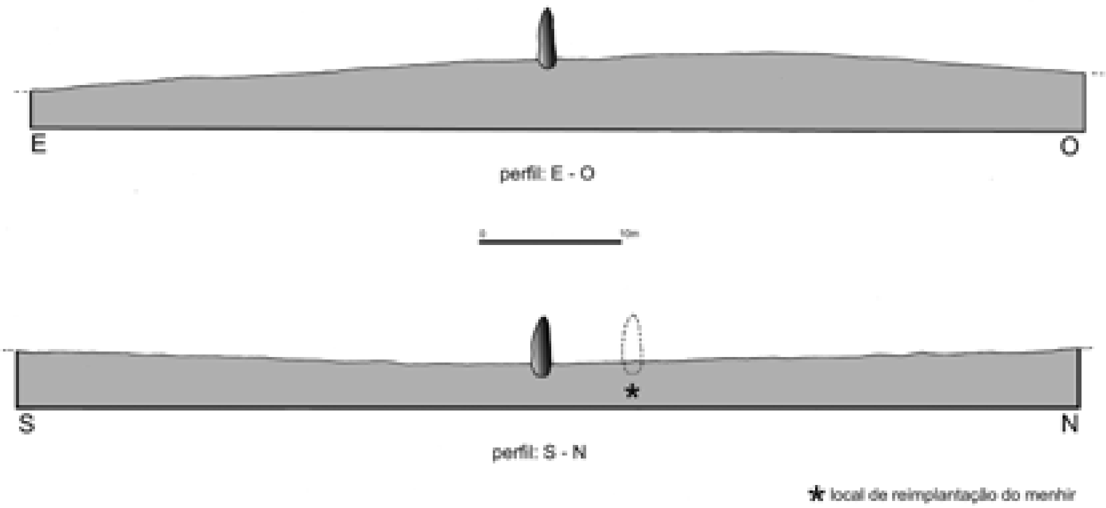


FIG. 6. Menir do Patalou – Perfis do terreno: E-O e S-N.

máximo de 135 cm no sentido E-O por 115 cm no sentido N-S. A zona mais profunda do alvéolo definia uma concavidade, igualmente ovalada, simétrica à orientação geral do alvéolo com cerca de 12 cm de profundidade por um diâmetro máximo de 30 cm. Esta reduzida obturação deverá ter resultado dum erro de cálculo dos que ergueram o menir porque pelas suas dimensões não teria capacidade para acolher a volumosa base do menir. No interior desta concavidade identificámos cinco pequenos blocos de granito que provavelmente aí foram colocados para apoiar a base do menir, em fase de ereção. Tal como a restante área do alvéolo também esta obturação estava preenchida de terra argilosa muito compacta. Denotava-se na rocha de base os negativos ou sinais da sua obturação, perfeitamente correspondentes ao trabalho um instrumento pesado e pouco cortante, o que corresponde plenamente ao artefacto de corneana identificado no interior do alvéolo.

Concluída a escavação pretendia-se, de seguida, criar as condições para a reereção do menir no interior do alvéolo original, utilizando a mesma técnica detectada, isto é, apenas a terra original novamente compactada, sem recurso a outro ligante ou pedras de contrafortagem. Contudo, essa pretensão obrigava, em primeiro lugar, ao aprofundamento do alvéolo original, porque a actual



FIG. 7. Menir do Patalou – antes da escavação.



FIG. 8. Menir do Patalou – escavação do alvéolo.

potência de solo neste local é já insuficiente para manter erecto um menir com 4 metros de altura. Assim teríamos que destruir o testemunho com a modelação do alvéolo original e por outro lado, em breve a estabilidade do menir iria ser novamente afectada pelas raizas da sobreira que a menos de dois metros se ergue. Haveria sempre a solução de solicitar autorização à Direcção Geral de Florestas para se abater esta jovem sobreira e pagar a natural indeminização aos proprietários. Perante estes naturais constrangimentos contactámos o Doutor Nelson Almeida da DRCALEN e em conjunto decidimos reerguer o menir a 6 metros para norte do alvéolo original, mantendo o mesma linha de posicionamento em relação ao anfiteatro natural na suave pendente virada a nascente. Este novo posicionamento foi igualmente avaliado tendo em atenção o afastamento doutra jovem sobreira que se localiza mais a norte e depois de termos avaliado mecanicamente a potência do solo para pode acolher, com estabilidade necessária, o menir do Patalou. Abriu-se, assim, com recurso a uma máquina uma fossa com cerca de 85 cm de profundidade, e um diâmetro de máximo de 120 cm onde se veio a reimplantar o menir sendo compactado com pó grosso de pedra granítica (tuvenan) trazido duma pedreira de Alpalhão regado com água e compactado por compactador mecânico. Man-

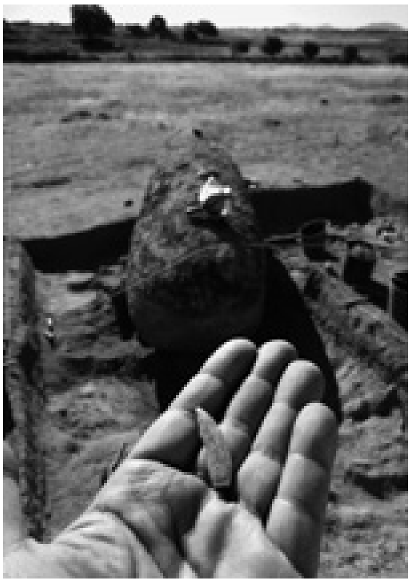


FIG. 9. Menir do Patalou – lamela de sílex encontrada no interior do alvéolo.



FIG. 10. Menir do Patalou – área escavada.

teve-se a exacta posição que foi possível reconhecer no menir quando se encontrava no local original e ficou incluso no alvéolo cerca de 80 cm, correspondente à porção que se nos afigurava que, inicialmente, deveria ter estado soterrada. Esta medida estava, no nosso entender, registada na superfície do menir. Na verdade, era visível na parte que se encontrava em contacto com o solo, logo menos afectada pelos elementos, uma área de cerca de 85 cm na zona da base que se apresentava particularmente regularizada. Correspondia, no nosso entender à zona que ficou sempre protegida desde a sua origem. Numa primeira fase ficou inclusa no alvéolo e posteriormente, quando o menir tomba, essa porção mantem-se protegida sob o peso das quase 7 toneladas que menir pesa. Estamos mais que seguros que a queda do menir ocorreu ainda durante a Pré-História, atendendo à presença das covinhas, exclusivamente na superfície exposta e à diferença do estado de conservação entre a superfície exposta e a que se manteve em contacto coma terra. A área da escavação depois de fotografada, desenhada e cotada foi coberta com manta geotêxtil e recoberta com a terra anteriormente crivada que daí tínhamos retirado. No local onde se ergueu originalmente o menir, implantámos um marco de granito com cerca de 1,40 de comprimento, onde gravámos, na parte superior, a data de 2015. Junto à sobreira implantou-se uma mesa explicativa na qual se descrevem os trabalhos realizados no menir e em torno dele definiu-se uma estreita área simbólica de protecção delimitada por quatro postes de madeira unidos por uma corda. O acesso público ao menir foi formalmente inaugurado, em sessão pública nocturna, no dia 26 de Setembro de 2015. Pela descrição da estratigrafia acima referida facilmente se compreende que a erecção original do menir do Patalou que ocorreu em meados do 5.º milénio antes de Cristo foi antecedida da abertura duma fossa de forma oval, alongada no sentido nascente-poente. Esta fossa cuja profundidade original hoje já não nos é possível determinar com precisão devido à natural redução da potência de solo penetrou, contudo, no substrato rochoso, composto por granito alterado. A escavação na rocha que na zona mais profunda atingia os 42 cm, terá sido efectuada com recurso ao artefacto acima descrito. Transportado o menir para o local terá sido implantado por arraste, no sentido poente-nascente e depois de posto provavelmente na vertical, ou hipoteticamente levemente inclinado em direcção ao nascente, foi estabilizado no interior do alvéolo com recurso a uma massa de argila e pequenos fragmentos de granito resultantes da fractura da rocha de base durante a escavação. Esta

massa, seguramente compactada com recurso a água, terá garantido a estabilidade do menir até que intencionalmente terá sido tombado nos alvores do Calcolítico.

A escolha do local de implantação, compreendida exclusivamente numa perspectiva de pequena escala, resultou duma cuidadosa observação e conhecimento do território por parte da comunidade que durante o Neolítico aqui ergueu o menir. Numa paisagem em suave anfiteatro aberto a nascente, depurado de afloramentos rochosos espreitando ao longe as cristas quartzíticas onde hoje se erguem Marvão e Castelo de Vide os erectores do menir do Patalou quiseram erguê-lo, seguindo o normativo que se utilizava à época, pelo menos nesta zona, para a erecção de menires. Rejeitaram assumidamente a linha de cumeada, que lhe conferiria muito mais visibilidade e optaram por e implantá-lo quando o terreno começa a descair, suavemente, em direcção a nascente. Se a opção pela encosta nascente é perfeita assumida, o posicionamento em relação ao eixo norte-sul também não foi menorizado. Os erectores do menir procuraram centrá-lo entre as duas suaves cumeadas que definem o anfiteatro envolvente. Poderemos assim dizer que o menir do Patalou, tal como a maior parte destes monumentos, posiciona-se em local de destaque, no centro dum anfiteatro natural, virado a nascente. A clara rejeição pela linha de cumeada poderá estar relacionada com toda a cenografia que, em matéria eventualmente perecível, enquadraria o monumento numa rela-



FIG. 11. Menir do Patalou – fase da reereção.

FIG. 12. Menir do Patalou – após a reereção vendo-se à esquerda da imagem o marco identificador da implantação original do menir.



ção com o nascente e onde a comunicação sonora entre actores e espectadores, durante as cerimónias que aqui ciclicamente existiriam, não seria negligenciável, facilitada pelo efeito de anfiteatro que o local propicia. O menir do Patalou que possui um comprimento máximo de 397 cm, tem um diâmetro máximo de 107 cm e pesa cerca de 6800 kg. Apresenta uma forma cilíndrica que estreita na parte superior, onde se evidencia a ausência de uma porção, por fractura, que terá ocorrido há muito tempo, mas que não lhe altera a configuração tendencialmente fálica. A base apresenta uma forma em calote de esfera, levemente abatida. A superfície que se encontrava exposta aos elementos apresenta-se substancialmente menos regularizada do que a porção que se encontrava em contacto com a terra. Mesmo nesta zona, menos alterada, evidencia-se a porção inferior, em cerca de 85 cm de comprimento, que corresponde à parte que originalmente estaria inclusa no alvéolo onde se denota uma cuidadosa regularização da superfície. Assim, poderemos dizer que, originalmente, todo menir apresentaria uma superfície muito regularizada, quase polida. Observam-se, contudo, sobretudo na parte superior do menir, quer na área melhor conservada, quer na mais erodida, ténues sinais de gravações que parecem configurar serpentiformes. Na superfície mais erodida, que corresponde à face exposta após a queda, observam-se quatro explícitas covinhas e eventualmente sinais de uma outra, numa zona em que a superfície se encontra mais degradada. Como acima afirmámos estas covinhas abertas por martelagem e posterior abrasão apenas se observam na superfície que se encontrava exposta após a queda, portanto na zona mais erodida. Igualmente, também as covinhas expressam sinais da erosão natural o que nos garante que foram efectuadas, provavelmente, logo após a queda do menir. Originalmente o menir do Patalou possuía as seguintes coordenadas: 39º 28.960' N; 07º 35.635' W. A nova localização, 6 metros para norte, possui as seguintes coordenadas: 39º 28.963' N; 07º 35,636' W.

AS CRONOLOGIAS

Se monumentos enigmáticos existem os menires serão seguramente um deles. Em torno destes testemunhos colocam-se variadíssimas questões desde a sua funcionalidade e simbologia, quer quando isolados, quer quando em grupo, ou à sua relação com o espaço, ou com os astros. A sua reutilização funcional ou meramente decorativa tem contribuído ainda mais para levantar e aprofundar estas e outras questões. Praticamente desde as primeiras referências científicas a estes monumentos que se procedeu à sua colagem crono-cultural ao megalitismo funerário, especialmente o dolménico, estabelecendo-se uma estreita relação de continuidade funcional, mas sobretudo simbólica. Mas se logo desde os inícios dos estudos sobre megalitismo funerário se ensaiaram várias esquematizações evolutivas para as sepulturas, independentemente da existência de datas absolutas, no que aos menires diz respeito apenas se ensaiaram algumas possibilidades de posicionar culturalmente em universos separados os menires em grupo dos menires isolados. Naturalmente que várias razões se podem identificar para justificar a ausência de reflexões mais profundas sobre esta matéria, comparativamente, por exemplo, ao megalitismo funerário. Das principais convém destacar o número muito reduzido de menires em relação aos sepulcros e, por consequência, um muito menor conjunto de trabalhos realizados, ou investigadores que sobre eles se tivessem debruçado. Veja-se, a título de exemplo, como o Casal Leisner, que praticamente escrutinou todo o megalitismo funerário peninsular e que estranhamente quase ignorou a presença de menires. Por outro lado, poderemos também relacionar algum desinteresse por estes monumentos, ou por estarem maioritariamente tombados, ou por teoricamente nenhum espólio a eles estar associado. Praticamente só a partir dos finais da década de setenta do século xx é que se iniciaram trabalhos de escavação, cientificamente e directamente dirigidos a menires. Infelizmente, ou porque os alvéolos estavam muito

remexidos, ou porque, na verdade, nenhuma matéria orgânica se tivesse preservado foi necessário efectuarmos a escavação e reabilitação do Menir da Meada (Castelo de Vide), em 1993, para conseguirmos obter uma datação absoluta. Tratava-se duma amostra de carvão recolhida no fundo do alvéolo, encostado ao menir, em zona perfeitamente conservada, sob os blocos que calçavam o monumento e envolta em argila. Essa amostra submetida a datação por radio carbono forneceu a seguinte data: Utc-4452: 6022 ± 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC. Quando em 1996, no decurso do 1.º Colóquio Internacional sobre Megalitismo, realizado em Monsaraz, divulgámos publicamente esta data a incredibilidade e a estupefacção foi geral entre os investigadores presentes. Em fase de discussão alguns desses colegas aí presentes ainda tentaram, por diversas formas, colocar em causa a credibilidade da amostra. Contudo, a partir desse momento, a contemporaneidade dos menires e das antas começou claramente a ser questionada, sobretudo em relação aos monumentos funerários mais complexos, ainda que já anteriormente e apenas por via de análises estratigráficas se reconhecesse alguma anterioridade dos menires em relação aos dólmenes. Aqui devemos destacar o singular monumento da Granja de S. Pedro, em Idanha-a-Nova. Em boa verdade os investigadores que o estudaram afirmaram peremptoriamente que os menires já aí se encontravam quando o sepulcro foi construído (Almeida e Ferreira, 1971). Outros estudos entretanto promovidos vieram reforçar o mais que provável posicionamento dos menires no Neolítico mais antigo. Toda a polémica que se gerou em torno dos Menires do Padrão a propósito da ligação cultural dos menires com os carvões da camada C2 que foi possível datar de meados dos 6.º milénio (5480-5242 cal AC; 5580-5350 cal AC) (Gomes, 1997:176), ou os materiais atribuídos ao Neolítico antigo identificados junto aos menires da Caramujeira (Gomes, 1997: 175), ainda que muito contestados e objecto de várias revisões e interpretações, somados às informações decorrentes dos trabalhos efectuados nos recintos megalíticos de Almendres e Portela de Mogos, junto dos quais se registaram ocupações atribuíveis, igualmente, ao Neolítico antigo, vinham, gradualmente, a reforçar a percepção da grande antiguidade destes monumentos. Se a data do menir da Meada foi então considerada duvidosa por ser muito mais antiga em relação ao espectável, todas as outras entretanto obtidas, maior controvérsia ainda geraram porque apenas, de uma forma indirecta, se podiam ligar aos menires. No decurso da recente escavação e recuperação do menir do Patalou foi possível recolher e datar uma amostra de madeira carbonizada obtida no interior do alvéolo que forneceu a seguinte data: Beta-416341: 5420 ± 30BP, que calibrada resulta em Cal BC 4340 a 4235 (Cal BP 6290 a 6185). Com esta data agora obtida valida-se a que já anteriormente possuíamos para o Menir da Meada (Utc-4452: 6022 ± 40 BP, que calibrada a 2 sigmas resultou em 4810 a 5010 cal BC), cuja amostra de carvão foi recolhida em situação e contexto idêntico, confirma-se o posicionamento cultural dos menires no seio do Neolítico antigo e reafirma-se a anterioridade dos menires em relação, pelo menos, à fase plena do megalitismo dolménico. O curto afastamento cronológico do menir da Meada, cerca 550 anos mais antigo do que o do Patalou, poderá explicar a diferença volumétrica entre dois menires que se distanciam entre si pouco mais de 10 km? O menir da Meada com 7,52 metros de altura e quase 18 toneladas de peso assume-se como o maior da Península Ibérica e consubstanciará, naturalmente, um momento de apogeu dos rituais subjacentes a estas manifestações. Cerca de 550 anos depois, a curtíssima distância, em contexto ambiental idêntico, ergue-se outro menir, apenas com 4 metros de altura e a rondar as 7 toneladas. Poderá esta acentuada diferença volumétrica e consequentemente implicando metade do investimento energético necessário à sua erecção, revelar já algum declínio destas práticas rituais, pouco mais de 500 depois do seu apogeu? Se o estudo do menir do Patalou veio ajudar a resolver algumas das grandes dúvidas que em torno destes monumentos se colocavam, certamente que estimulará o reposicionamento de muitas mais que continuarão a aguardar resposta e que gostaríamos de aqui desenvolver mas que o limite de páginas imposto nos impossibilita.

BIBLIOGRAFIA

Aguiar, J. M. de (1940) – O Menir de Luzim (Penafiel), *Gongresso do Mundo Português, Memória e comunicações apresentadas ao Congresso de Pré e Proto-História*, vol I.

Almeida, F; Ferreira, O. V. (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2.º Vol., Lisboa.

Barata, J. P. M. (1965) – O Menir da Meada, *Ethnos*, 4, Lisboa.

Calado, M. Rocha, L. (2006) – Menires e Neolitização: história da investigação no Algarve, *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia do Algarve*, Rev. Xelb n.º 7, Silves.

Caninas, J. C. P.; Henriques, F. J. (1985) – Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das 1.as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano,* Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.

Caninas, J. C. P. ; Henriques, F. J. (1987) – Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo,* I.P.P.C., Lisboa.

Carballo, G. M. (1983) – Menires de Valencia de Alcantara, *BoleIm de la Asociacion Espanola de Amigos de la Arqueologia,* n.º 17, Junio, Madrid.

Carvalho, J. (2000) – O Menir do Castelo Velho, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, C. M. de Marvão/Ed. Colibri, Lisboa.

Costa, F. A. P. da (1868) – *Monumentos Prehistoricos – Descripção de alguns Dolmins ou Antas de Portugal*, Typ. da Acad. Real das Sciências.

Dias, A. C.; Oliveira, J. M. (1981) – *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão,* Assembléia Distrital de Portalegre, Portalegre.

Dieguez Luengo, E. (1965) – Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura, *Zephyrvs,* XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.

Dieguez Luengo, E. (1976) – Los Dolmenes de Valencia de Alcântara, in *V Congreso de Estudios Extremeños,* Badajoz.

Gomes, M. V. (1986) – O Cromeleque da Herdade dos Cuncos, *Almansor*, n.º 4. Montemor-o-Novo.

Gomes, M. V. Cabrita, L. M. (1997) – Dois novos povoados neolíticos com menires no Barlavento Algarvio. *Actas do I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Setúbal Arqueológica*, XI-XII, Setúbal.

Gomes, M. V.; Monteiro, J.P.; Serrão, E. C. (1987) – A estação pré-histórica da Caramujeira – trabalhos de 1975-76, *Actas das III Jornadas Arqueológicas*, Lisboa.

Gonçalves, J. P. (1970) – Menires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, 9.ª série, vol. II.

Henriques, F. J. R.; Caninas, J. C. P. (1980) – Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Rôdão.

Henriques, F. J. R.; Caninas, J. C. P. (1986) – Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.1.A. Vila Velha de Ródão.

Leisner, G.; Leisner, V. (1943) – *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel: Der Suden,* Walter de Gruyter, Berlin.

Leisner, G.; Leisner, V. (1956) – *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (1)*, Walter de Gruyter, Berlin.

Leisner, G.; Leisner, V. (1959) – *Die Megalithgraber Iberischen HalbinseL Der Westen (2),* Walter de Gruyter, Berlin.

Leisner, G.; Leisner, V. (1965) – *Die Megalithgraber Jberiscishen Halbinsei Der Westen (3),* Walter de Gruyter, Berlin.

Monteiro, J. P.; Gomes, M. V. (1977) – Os Menires da Charneca do Vale do Sobral – Nisa, *Revista de Guimarães,* LXXXVII, Guimarães.

Oliveira, J. de (1985) – O Menir da Água da Cuba – Marvão, *Actas das 1.as Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano,* Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.

Oliveira, J. de (1986) – *A Estela Decorada da Tapada da Moita,* Câmara Municipal de Castelo de Vide.

Oliveira, J. de (1990) – Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano *in Actas do 1.º Encontro Regional de História,* Universidade de Évora, Évora.

Oliveira, J. de (1993) – Conservação de Monumentos Megalíticos – Aspectos de uma problemática, *Correio da Natureza,* n.º 17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Oliveira, J. de (1993) – O Rio Sever e as Fronteiras no 3.º Milénio a.C., *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço,* C. M. de Vila Velha de Ródão.

Oliveira, J. de (1995) – A Recuperação do Menir da Meada – Castelo de Vide, *Ibn Maruán,* n.º 5, Câmara Municipal de Marvão.

Oliveira, J. de (1996) – Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán* n.º 6, Câmara Municipal de Marvão. (em colaboração com António Bairinhas e Carmen Balesteros).

Oliveira, J. de (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, Ed. Colibri, Lisboa.

Oliveira, J. de; Oliveira, C. de (2000) – Menires do Distrito de Portalegre, *Ibn Maruán*, n.º 9/10, C. M. de Marvão/ Ed. Colibri, Lisboa.

Rodrigues, M. da C. M. (1975) – *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide,* Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.

Veiga, S. F. M. Estácio da (1886) – *Antiguidades Monumentais do Algarve – tempos prehistoricos*, vol. I, Lisboa.